

## **A Cidade**

**26/5/1984**

### **GREVES**

JOSÉ ROBERTO GARCIA

Há alguns meses dizia-me uma respeitável e digna senhora da melhor sociedade local: "Tudo está bem enquanto eu não for para debaixo da ponte, porque aí então eu brigo". O assunto era sobre crise, carestia e greves.

Pois bem. Agora, passado algum tempo, encontro a essência da mesma frase em um comentário do revolucionário Luiz Carlos Prestes: — "Nenhum povo se deixa morrer de fome sem lutar. A crise econômica levará o País a grandes greves".

Nada tão distante como a personalidade do ex-Secretário Geral do Partido Comunista Brasileiro e a da rica senhora, educada em cursos de humanidades em tradicionais colégios franceses. Os dois, frente a dificuldades sociais extremas, teriam a mesma reação de lutar contra a adversidade até o fim.

Certa feita vi, em um filme sobre ciências naturais, um pequeno macaco de pouco mais de quatro quilos, enfrentar em luta desesperada um leopardo. Uma luta aparentemente perdida, mas o leopardo terminou por desistir da aguerrida caça e foi procurar outra mais tímida.

Os incidentes de Guariba, dos laranjeiros: a miséria nordestina, onde um pai de família ganha na frente de trabalho cerca de 15 mil cruzeiros por mês: os gastos de 20 bilhões de cruzeiros, que Brizola teve com o carnaval; o conselho do Sr. Celso Pastore aos mutuários do BNH, para suicidarem-se, tudo isso leva-me a pensar nas lições da ciência natural, onde os animais lutam até a morte, quando a morte é a única alternativa.

Não sei exatamente, se o "modus vivendi" nesta nação, chega a estimativa desesperadora que o Sr. Prestes fez. Também destôo inteiramente de todo superado pensamento político que prega o velho líder comunista, mas não posso deixar de discordar de quem afirmar não ser índole de um povo morrer sem lutar. Até creio mesmo, que o chamado instinto de conservação da espécie impõe esta conduta.

É norma do direito natural, (aquele que antecede a qualquer outro direito), que ninguém é criminoso quando age em legítimo estado de necessidade. Por estado de necessidade entendam-se aquelas circunstâncias que exijam um determinado e único comportamento capaz de conservar a vida.

Longe deste escriba saber se um operário que ganhe quinze mil cruzeiros por mês no sertão nordestino — (a notícia é da Folha) —, está em estado de necessidade. Quem deverá julgar isso, é o Ministério encarregado da área e a Corte que, posteriormente, for julgá-lo quando matar para comer. A verdade porém, é que ao Governo Federal competia melhor informar ao FMI, até onde está indo a carência de nosso povo frente as exigências deste terrível instrumento de cobrança internacional.

Se os sentimentos humanos, os costumes, a lei civil são poucos para inspirarem os responsáveis pelos acertos junto aos nossos credores, que se atente então ao direito natural, para evitar os males que pode um povo desesperado causar a si mesmo. Ao contrário teremos mesmo muitas greves.

**(3ª página)**